

PORTUGAL

Leitores digitais de livros e jornais vistos como “o futuro” do mercado da escrita

Especialistas editoriais defendem que o futuro de livros e jornais passa pelos leitores digitais, cenário reforçado pelo actual “tempo de crise” no sector e pelo lançamento de diversos novos equipamentos.

Livros digitais (eBooks) e jornais em formato digital, ambos lidos em equipamentos como computadores, PDAs ou leitores próprios, são uma realidade actual vista por Filipe Luís, como “o futuro” do mercado da escrita.

O jornalista manifestou uma dupla relação com as novas tecnologias de leitura.

A nível emocional, Filipe Luís vê com “pena e nostalgia” a implementação deste tipo de “gadgets”, reconhecendo no entanto que a nível profissional os equipamentos de leitura constituem “o futuro”.

Se, por um lado, o eBook não alterará, a nível pessoal, o “hábito de ler e tactear um livro”, por outro, sustenta o editor, “há que reagir sem hostilidade aos avanços tecnológicos, que permitirão aos jornalistas redobrar as suas capacidades para comunicar”.

No que diz respeito à Visão, Filipe Luís reconhece que “em teoria” já foi “equacionada” uma complementaridade entre a edição em papel e uma versão digital.

Isabel Coutinho, jornalista do Público e responsável pela

coluna e blogue Ciberescritas, “sobre o futuro dos livros, a presença de escritores na Internet e a relação entre as novas tecnologias e a literatura”, acredita que em Portugal as pessoas “estão curiosas” com presença dos leitores digitais nos mercados das artes.

No que concerne à presença de órgãos de imprensa no mercado dos leitores digitais, a jornalista sustentou à Lusa que “o futuro dos jornais vai passar por estes aparelhos. E em tempo de crise ainda mais”.

Os eBooks em língua portuguesa à venda “são quase inexistentes”, sustenta a jornalista, “o que para a maioria das pessoas é um problema”. Hugo Xavier, editor da Cavalada de Ferro, que recentemente aderiu à rede social online Twitter, afirmou no começo do mês de Fevereiro que “em Portugal não existe mercado suficiente para lançamentos digitais regulares”.

“Em França, por exemplo, um grande leitor é aquele que lê dez livros num mês, ao passo que em Portugal é o que lê esse mesmo número de livros num ano”, sustenta o editor.

Em paralelo com a comercialização digital de obras, iniciativas como o Projecto Gutenberg, “o primeiro produtor de livros electrónicos grátis”, têm contribuído para o acervo de livros disponibilizados na

Internet.

O Projecto Gutenberg surgiu nos EUA e incita voluntários à digitalização de obras anteriores a 1923, única condição no país para a distribuição legal das obras.

Já em Portugal, a juntar a esta circunstância, acresce a obrigatoriedade dos livros a disponibilizar terem sido escritos durante a vida do autor, tendo este falecido há pelo menos 70 anos.

A multinacional Amazon disponibilizou no final do mês de Fevereiro o Kindle 2.0, leitor digital de livros com capacidade para armazenar até 1.500 obras e que custa 285 euros nos Estados Unidos.

O “gadget” encontra-se para já disponível apenas nos EUA e a Amazon tem disponíveis 240.000 livros na sua loja virtual, para além de possibilitar a assinatura de diversos jornais, revistas e blogues.

David Pogue, colunista de tecnologia do New York Times, defendeu em crónica recente que a cadeia Amazon encontra-se ainda “distante do objectivo de poder facultar ‘qualquer livro a qualquer hora’”.

Também a Sony e a Endless Ideas, por exemplo, têm disponíveis no mercado leitores digitais de livros, sendo de esperar até final de 2009 a edição do Kindle 3.0 da Amazon.

Alunos estrangeiros de Português apostam no potencial futuro do idioma

Os estudantes estrangeiros aprendem o Português tendo em conta o seu potencial futuro, disse José Paulo Esperança, coordenador de um levantamento sobre o peso económico da Língua Portuguesa.

A versão final deste estudo, de que se prepara uma segunda fase, foi entregue ao Instituto Camões (IC), e conclui que o peso da Língua portuguesa responde a 17 por cento do Produto Interno Bruto (PIB),

cerca de três mil milhões de euros.

“Entre as conclusões, a que nos parece mais forte é que apesar de a Língua Portuguesa não ser hoje um língua de trabalho muito utilizada, os estudantes salientam o seu potencial futuro”, disse José Paulo Esperança.

Segundo o catedrático do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), esta opinião dos estudantes baseia-se no crescimento económico da comunidade lusófona, “nomeadamente de países como o Brasil e Angola”.

O Estudo do Peso Económico da Língua Portuguesa tomou como modelo um estudo feito em Espanha para a língua espanhola, já que, segundo José Paulo Esperança, “há poucos estudos nesta perspectiva e os que há são parciais”.

O estudo teve em conta o peso das indústrias onde o factor língua é predominante ou essencial, como o sector editorial, a Comunicação Social ou o Ensino.

No estudo efectuado, os alunos de português, em escolas apoiadas pelo IC, “afirmam tanto conhecer jogadores de futebol como políticos ou até escritores”.

“Os estudantes tanto demonstram conhecer Lula da Silva, Presidente do Brasil, como o escritor José Saramago, Camões ou Fernando Pessoa”, disse.

As marcas comerciais portuguesas, no entanto, “são menos conhecidas que as personalidades”, referiu o catedrático do ISCTE.

O estudo foi realizado durante o ano passado, estando actualmente em preparação uma segunda fase que irá analisar a imagem de Portugal e do Português no mundo, adiantou Esperança.

Filme inglês conta história das aparições a partir das memórias da Irmã Lúcia

O filme britânico “O 13º Dia - Um milagre em Fátima”, que relata a história das aparições, está “bem concebido e de acordo com a mensagem de Fátima”, afirmou o secretário internacional do Apostolado Mundial de Fátima (AMF).

Nuno Prazeres disse que o filme de Ian e Dominic Higgins, que se encontra em pós-produção, foi pré-apresentado em Novembro, em Fátima, para os participantes da Assembleia-Geral do AMF, “tendo sido bem recebido” pela plateia.

Segundo a Agência Ecclesia, “os realizadores independentes Ian e Dominic Higgins apresentam os acontecimentos de Maio a Outubro de 1917 no contexto das perseguições religiosas da I República e da I Guerra Mundial, falando da mensagem de esperança entregue às três crianças”.

“Pelo que vimos, está de acordo com a mensagem”, disse Nuno Prazeres, acrescentando que o filme - a preto e branco, rodado em Inglaterra e com algumas cenas captadas nos arredores da Cova da Iria -, apresenta também “uma actualização da própria mensagem” de Fátima e tem alguns momentos marcados “pela emoção”.

Assente nos relatos da Irmã Lúcia, que no filme aparece a escrever as suas memórias enquanto as imagens retratam os seus escritos, o filme conta com a participação do presidente nacional do AMF

em Inglaterra, Timothy Robertson, na revisão dos textos.

“Algumas imagens são históricas - como as da I Guerra Mundial”, revelou Nuno Prazeres, acrescentando que “este filme é muito diferente dos que até agora são conhecidos sobre Fátima”.

“Está actualizado. Conta inclusive a parte da revelação do Terceiro Segredo [revelado em Fátima em 13 de Maio de 2000, durante a terceira deslocação do Papa João Paulo II ao Santuário, para a beatificação dos videntes Jacinta e Francisco Marto], mas o principal é todo o período das aparições [entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917]”, contou.

De acordo com Nuno Prazeres, “este é um filme não apenas para quem conhece Fátima, mas também para quem não conhece a mensagem e mesmo para quem não é cristão ou católico”.

“Quando se fala de paz, fala-se para todo o mundo”, disse. Segundo as informações de que dispõe, o filme poderá entrar no circuito comercial ainda este ano.

Também o Apostolado Mundial de Fátima poderá a ter na película um veículo de difusão da sua mensagem. Isso mesmo foi admitido por Nuno Prazeres, ressalvando que tudo depende do produto final.

Entretanto, fonte do Santuário de Fátima disse que a instituição colaborou com os responsáveis pelo filme no empréstimo de alguns dos trajectos mais antigos usados pelos figurantes.



O MINISTRO PORTUGUÊS DAS FINANÇAS, TEIXEIRA DOS SANTOS, à direita, DURANTE A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA NO ÂMBITO DA CIMEIRA IBERO-AMERICANA, DOS MINISTROS DAS FINANÇAS NO PORTO (Foto Miguel Lopes/Lusa).

Sindicatos querem actuação forte do Ministério da Educação no ensino do Português no estrangeiro

A Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) quer que o Ministério da Educação assumira uma posição forte na componente pedagógica do ensino do português no estrangeiro, disse o secretário-geral da organização.

João Dias da Silva declarou que o Ministério da Educação tem de “conduzir as preocupações e as orientações no que se refere ao conteúdo pedagógico do Ensino do Português no Estrangeiro” (EPE).

No momento, o ensino da língua portuguesa no estrangeiro está em fase de transição para a tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

Dias da Silva reuniu-se com o presidente da comissão negociadora, José Manuel Baptista, no Ministério da Educação para discutir a actual situação dos professores portugueses no estrangeiro.

O Ministério da Educação ofereceu um aumento de 2,9 por cento nos salários dos docentes que leccionam no estrangeiro, além de equiparar o subsídio alimentação aos dos professores que trabalham em Portugal.

A FNE mostrou-se desagrada com a proposta, já que os professores não são aumentados desde 2006 e, em relação ao subsídio, os sindicatos defendem que deve ser tida em conta a situação específica do país em que se encontram.

Durante a reunião, foram tratadas também as questões do regime de tributação do IRS, Segurança Social e da progressão na carreira dos professores que leccionam no estrangeiro.

“Estes professores, actualmente, não podem apresentar as despesas médicas e de formação realizadas no estrangeiro na declaração do IRS em Portugal, o que é extremamente penalizante”, afirmou o secretário-geral da FNE.

Dias da Silva destacou igualmente o problema que muitos dos docentes enfrentam para aceder aos sistemas de saúde nos países em que trabalham.

O secretário-geral da FNE declarou ainda que é contra o actual tipo de vínculo contractual dos professores, que é de licença sem vencimento (regime que impede que o tempo de ensino no estrangeiro seja contabilizado na progressão nas carreiras).

“A comissão negociadora disse-nos ainda que está em preparação um novo regime jurídico para o enquadramento dos professores no estrangeiro e nós iremos participar na negociação”, adiantou.

A FNE é também favorável a um fortalecimento do ensino do português no estrangeiro

em duas vertentes, no ensino dentro das comunidades portuguesas e também como língua estrangeira, segundo referiu Dias da Silva.

A Fenprof também esteve reunida com a comissão negociadora do Ministério da Educação e mostrou-se “preocupada” face à incerteza do que

vai acontecer aos professores afectos ao Ensino do Português no Estrangeiro quando a tutela passar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

As propostas apresentadas à Fenprof foram as mesmas que foram avançadas na reunião com a FNE.

Número de emigrantes portugueses aumentou mais de 22 mil entre 2006 e 2008

O número de portugueses a ir trabalhar para o estrangeiro aumentou mais de 22 mil entre 2006 e 2008, com uma grande maioria a escolher Suíça e Angola para emigrar, segundo dados do Governo português.

De acordo com a Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP), em 2007-2008 emigraram mais 22.726 portugueses do que em 2006-2007.

Existem assim oficialmente 4.990.923 emigrantes portugueses espalhados pelo mundo.

O grande aumento em 2007-2008 deu-se na Europa, com mais 25.251 emigrantes portugueses, e em África, com mais 13.564.

Na Ásia registou-se uma diminuição de 15.163 trabalhadores portugueses e na América a emigração portuguesa também teve uma redução de 926 pessoas.

Na Europa, a Suíça foi o país que mais portugueses (15.871) escolheram para trabalhar em 2007-2008, seguido do Luxemburgo (6.600), da Bélgica (4.952), de Itália (1.528) e de Andorra (1.005). Em contrapartida, nesse ano saíram 5.304 portugueses de Espanha.

Para o continente africano emigraram 13.564 portugueses, tendo a grande maioria (10.925) escolhido Angola.

Os países africanos de língua portuguesa são aliás o principal destino dos portugueses que vão trabalhar para África, tendo-se registado um aumento de 1.322 emigrantes para Moçambique, 1.011 para Cabo Verde, 381 para a Guiné-Bissau e 196 para São Tomé e Príncipe.

Na Ásia, os números oficiais apontam para uma diminuição de 17.000 portugueses a trabalhar em Macau e para um aumento de 1.478 em Timor-Leste, 122 na China e 73 na Tailândia.

No continente americano, registou-se um aumento de 832 portugueses na Argentina, de 85 no México e de 26 em Cu-

ba. Em contrapartida, saíram 1.458 portugueses do Uruguai, 409 do Chile e 46 da Colômbia.

Com excepção da Suíça e do Luxemburgo, manteve-se o número de portugueses nos países com forte tradição emigratória como os Estados Unidos, o Canadá, a Venezuela e o Reino Unido.

Os números fornecidos pela

DGACCP são uma estimativa e referem-se apenas aos portugueses que se registam nos consulados de Portugal no estrangeiro.

Conseguir determinar o número exacto de portugueses no estrangeiro é um dos objectivos do Observatório da Emigração, criado pelo Governo em Maio de 2008, e que começou os seus trabalhos no início deste ano.

Há 120 mil empresas de portugueses no estrangeiro

O Gabinete de Apoio ao Emigrante vai “auxiliar quem esteve emigrado e quem quer emigrar”, prometeu, o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas que revelou que existem no estrangeiro 120 mil empresas de portugueses.

“Noventa por cento dos emigrantes portugueses que regressam a Portugal voltam para a freguesia de onde partiram”, referiu, em Vila Nova de Famalicão, o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, ao inaugurar, em Famalicão, o Gabinete de Apoio ao Emigrante (GAE), um serviço que está a ser implantado em todo o País.

“O Gabinete destina-se a prestar auxílio diverso aos municípios que estiverem emigrados, aos que estão em vias de regresso, aos que residem ainda no país de acolhimento e aqueles que desejam emigrar”, frisou o secretário de Estado.

A Câmara Municipal de Famalicão cedeu o espaço onde os técnicos vão passar a informar os emigrantes sobre os seus direitos e deveres, a prestar informações sobre oportunidades de emprego e formação profissional.

O investimento financeiro em Portugal ou no país de acolhimento é outra das preocupações do GAE.

“120 mil empresas existentes em países estrangeiros são propriedade de cidadãos por-

tugueses”, referiu António Braga.

“Quando for altura de voltar a Portugal, tem que haver técnicos capazes de ajudar esses empresários”, finalizou o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas.

Porto coberto por rede de fibra óptica de nova geração dentro de cinco anos

A cidade do Porto vai estar coberta por uma rede de fibra óptica de nova geração dentro de cinco anos, num investimento de 80 milhões de euros que permitirá servir mais de 360 mil utilizadores.

O projecto de implementação da nova rede de fibra óptica, que foi apresentado numa cerimónia no Planetário do Porto, é uma iniciativa conjunta da Associação Porto Digital e do Grupo DST.

A rede, com uma extensão superior a 1.000 quilómetros, deverá estar concluída num prazo de cinco anos, estando para o efeito prevista a criação de uma nova empresa, denominada Porto Digital, para a construção e exploração desta infra-estrutura.

O projecto prevê a cobertura integral de todas as escolas públicas e privadas da cidade, além dos bairros camarários que foram requalificados, o que permitirá aos seus residentes receber gratuitamente os quatro canais portugueses de televisão generalistas.